

Caracterização epidemiológica da violência sexual: análise das notificações

Epidemiological Characterization of sexual violence: analysis of notifications

Isabelle Souza do Nascimento¹, Priscilla Dantas Almeida², Augusto Cezar Antunes de Araujo Filho³, Maria Suely de Sousa Pereira⁴

RESUMO

Objetivo: Analisar as características epidemiológicas da violência sexual no estado do Amazonas no período de 2012 a 2021. **Materiais e método:** Estudo epidemiológico casos notificados entre 2012 e 2021 de violência sexual do Sistema de Informação de Agravos de Notificação disponíveis na plataforma do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. **Resultados:** Foram notificados 14.323 casos de violência sexual no estado do Amazonas no período analisado, sendo a maioria em 2018 (12,26%). Os tipos de violência sexuais mais relatados foram o estupro (78,92%) e o assédio sexual (13,47%). Houve o predomínio no sexo feminino (91,03%), pardas (78,33%), na faixa etária de 10-14 anos (45,41%), com ensino fundamental incompleto. Os prováveis autores, em sua maioria eram conhecidos (27,24%) da vítima. A residência foi o local de ocorrência com maior porcentagem (72,52%). **Conclusão:** O presente estudo identificou as características das pessoas vítimas de violência sexual e sua distribuição temporal. Logo, tais achados fomentam a necessidade de estratégias mais adequadas e, por conseguinte, eficazes para combater e prevenir este problema de saúde pública.

Palavras-chave: Violência sexual. Epidemiologia. Notificações. Saúde pública

ABSTRACT

Objective: To analyze the epidemiological characteristics of sexual violence in the state of Amazonas from 2012 to 2021. **Materials and method:** Epidemiological study of cases reported between 2012 and 2021 of sexual violence in the Notifiable Diseases Information System available on the platform of the IT Department of the Unified Health System. **Results:** 14,323 cases of sexual violence were reported in the state of Amazonas in the period analyzed, the majority in 2018 (12.26%). The most reported types of sexual violence were rape (78.92%) and sexual harassment (13.47%). There was a predominance of females (91.03%), mixed race (78.33%), aged between 10 and 14 years (45.41%), with incomplete primary education. The likely perpetrators were mostly known (27.24%) to the victim. The residence was the place of occurrence with the highest percentage (72.52%). **Final considerations:** The present study defines the characteristics of people who are victims of sexual violence and their temporal distribution. Therefore, such discoveries encourage the need for more appropriate strategies and, therefore, measures to combat and prevent this public health problem.

Keywords: Sexual violence. Epidemiology. Notifications. Public health

¹ Enfermeira pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: isabellenscto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6858-6541>

² Doutora em Enfermagem. Professora Adjunto da Escola de Enfermagem de Manaus, Universidade Federal do Amazonas. E-mail: priscillaalmeida@ufam.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6574-6335>

³ Doutor em Enfermagem. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Piauí, Campus Doutora Josefina Demes. E-mail: augustoantunes@frn.uespi.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3998-2334>

⁴ Doutora em Enfermagem. Professora Adjunto da Escola de Enfermagem de Manaus, Universidade Federal do Amazonas. E-mail: pereirasuely@ufam.edu.br . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2697-3348>

1. INTRODUÇÃO

A violência sexual (VS) foi conceituada pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) como um crime que consiste na efetivação ou tentativa de obter qualquer ato sexual por meio de coerção e pode ocorrer tanto em ambiente familiar quanto profissional. Segundo Facuri (2013), a VS é um problema de saúde pública global e possui efeitos devastadores na saúde física e mental da vítima.

A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) em 2021, afirmou que uma em cada quatro mulheres jovens (de 15 a 24 anos) que estiveram em um relacionamento já terá sofrido violência de seus parceiros por volta dos vinte e poucos anos (OPAS, 2021). De acordo com o Boletim epidemiológico de 2018, o perfil das notificações sexuais contra crianças é alarmante. Entre 43.034 notificações, 14.996 (25,8%) eram do sexo masculino.

No Brasil, foram obtidos nas últimas décadas alguns avanços na estratégia de prevenção à VS contra as mulheres por meio das Delegacias Especializadas de Atendimento às Mulheres (CARGNIN *et. al.*, 2021). Em 2020, o Disque 100, serviço de disseminação de informações sobre direitos de grupos vulneráveis e de denúncias de violações de direitos humanos, recebeu mais de 23.311 denúncias em todo o Brasil, e dados apontam que 36,97% das vítimas são do sexo masculino. Ainda que as notificações tenham aumentado em 2020, sabe-se que os números podem ser bem maiores, pois se estima que a maioria dos casos não sejam realmente denunciados ou notificados às autoridades. No caso de crianças e adolescentes do sexo masculino, esse número pode ser ainda maior.

A secretaria de segurança pública do estado do Amazonas informou, em julho de 2021, que as chamadas por violência contra crianças e adolescentes aumentaram 77,7% em relação a 2020 no mesmo período – os cinco primeiros meses do ano. Na capital, o G1 AM, noticiou em maio de 2022, que os casos de violência infantil subiram 17% em relação ao mesmo quadrimestre no ano anterior. No primeiro quadrimestre de 2022, foram 462 ocorrências, 67 a mais do que o registrado nos quatro primeiros meses de 2021.

A violência sexual muitas vezes se torna invisível, seja pelo medo da denúncia dos episódios ou pela fragilidade dos serviços públicos de saúde em acolher e acompanhar a criança e o adolescente em situação de violência (MIRANDA, 2020). A violência sexual pode acarretar danos na saúde física, mental, sexual e reprodutiva da vítima. Com o propósito de reduzir os danos relacionados à violência sexual sofrida faz-se necessário o

atendimento por uma equipe multidisciplinar qualificada e acolhedora. A Enfermagem é importante na recuperação das vítimas de VS, que vai além dos cuidados assistenciais, como também informando-as sobre seus direitos (FARIA; WITZEL; DA ROSA, 2023).

O correio braziliense (2022) publicou uma matéria a respeito de uma pesquisa divulgada no The New England Journal of Medicine que relata que pesquisadores recolheram informações de mais de 35 milhões de centros médicos e departamentos de emergência nos Estados Unidos, focando principalmente em visitas prestadas em relação a abuso sexual, os dados apontam que vítimas de abuso sexual tiveram de pagar cerca de US\$ 3 mil para buscar ajuda, em caso de gravidez, esse valor pode chegar a US\$ 4 mil. Esses modelos de estudos evidenciam que a VS é um problema de saúde pública global, além de que precisamos fortalecer o desempenho do nosso sistema gratuito de saúde na prestação de serviço de qualidade no atendimento à vítima de violência sexual.

A assistência de enfermagem às vítimas de violência deve ser planejada para promover a segurança, o acolhimento, o respeito e a satisfação dos usuários em suas necessidades individuais e coletivas. Refletir sobre o seu planejamento, pautado nos instrumentos básicos da enfermagem, das políticas públicas de saúde e na legislação vigente é fundamental para a proteção das vítimas e prevenção de agravos futuros (AGUIAR, 2013).

Contudo, apesar de muitas reportagens em veículos de informação a respeito de casos de violência sexual no Amazonas, nota-se a escassez de estudos com a caracterização epidemiológica deste tipo de violência na população geral do Estado do Amazonas. Nesse contexto, o presente estudo tem por objetivo analisar as características epidemiológicas da violência sexual no estado do Amazonas no período de 2012 a 2021.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo epidemiológico a partir dos casos notificados entre 2012 e 2021 de violência sexual na população geral do Amazonas e registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) disponíveis na plataforma do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) do Ministério da Saúde.

O local do estudo foi o estado do Amazonas, cuja capital é Manaus, possui a maior extensão territorial do país (1.559.255,881 km²), e conta com 62 municípios e com população geral de 3.941.613 pessoas em 2022 (IBGE, 2022).

Os dados foram coletados no DATASUS, cuja fonte utilizada foi o SINAN, seguindo os seguintes passos: após acessar o agravo “Violência interpessoal / autoprovocada”, foi selecionado o estado do Amazonas, definida a violência sexual para busca dos dados, em seguida aplicados os filtros para acesso às variáveis definidas, e elaboração das planilhas com os dados secundários que foram analisados.

As variáveis do estudo foram: aspectos sociodemográficos dos casos (faixa etária em anos, sexo, raça/cor, escolaridade e espaço territorial de ocorrência); caracterização dos prováveis autores da violência sexual (ciclo de vida; suspeita do uso de álcool, vínculo); e sobre a violência (local de ocorrência, evolução do caso, meio de agressão, outras violências, além da sexual, e tipos de violência sexual).

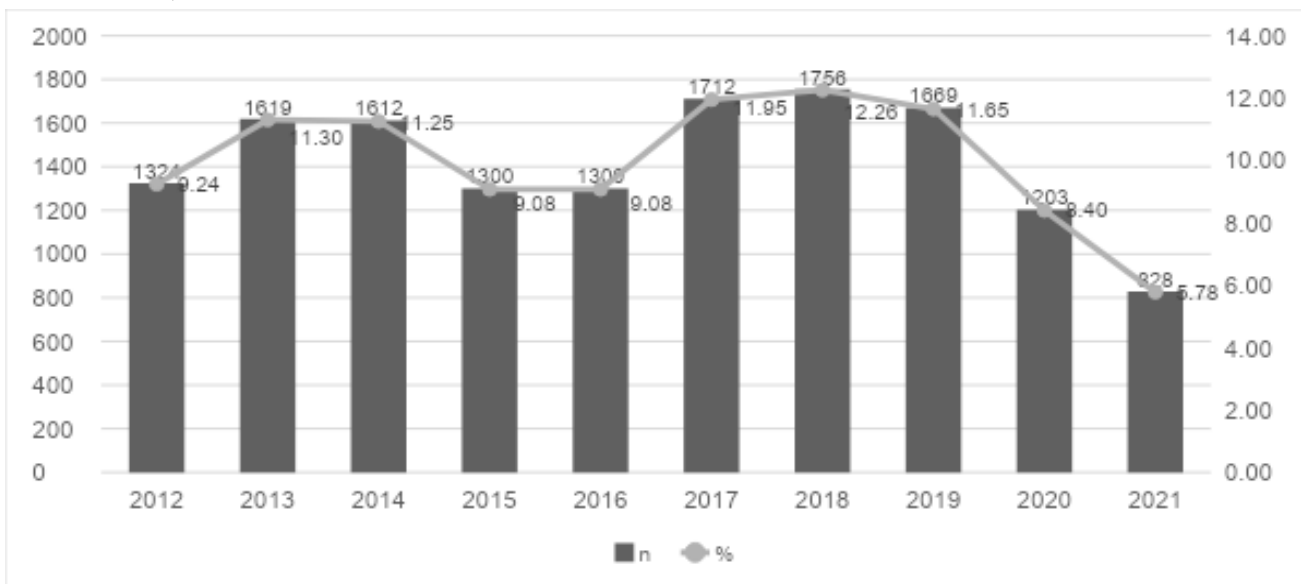
Após a exportação e tratamento dos dados foram realizadas análises descritivas de frequência absoluta e relativa para o alcance do objetivo deste estudo pelo Programa Microsoft Excel®.

Por se tratar de um estudo com dados secundários disponibilizados no site do DATASUS, de acesso público, e sem acesso aos dados individuais, dispensou-se então, a submissão deste projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme a Resolução no 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).

3. RESULTADOS

O estudo identificou 14.323 casos de violência sexual no estado do Amazonas no período de 2012 a 2021. Ao realizar a análise da distribuição temporal, observou-se uma flutuação do número de casos ao longo dos anos, e o maior número de casos em 2018 (12,26%), seguido de 2017 (11,95%), conforme o gráfico abaixo.

Gráfico: Distribuição temporal da violência sexual no Amazonas entre 2012 e 2021. Manaus-AM, 2023.



Fonte: SINAN/DATASUS. Exportação 03 de fevereiro de 2023.

Na tabela 1, verificou-se a caracterização sócio demográfica dos casos de violência notificados, e que a maioria: encontrava-se na faixa etária de 10 a 14 anos (45,41%), era do sexo feminino (91,03%), eram pardas (78,33%), e possuíam ensino fundamental incompleto (46,94%). A tabela revela ainda que, o principal território de ocorrência das violências sexuais é na capital do estado, Manaus (65,61%).

Tabela 1 - Características sociodemográficas dos casos de violência sexual no Amazonas entre 2012-2021. Manaus, AM, Brasil, 2023 (N= 14.323)

Variável	n	%
Faixa etária		
<1 Ano	194	1,35
01 a 04	1404	9,80
05 a 09	2648	18,49
10 a 14	6504	45,41
15 a 19	1983	13,84
20 a 29	1014	7,08
30 a 39	355	2,48
40 a 49	145	1,01
50 e mais	69	0,48
Ign/Branco	194	0,05
Sexo		
Masculino	1284	8,96
Feminino	13039	91,03
Raça/cor		
Branca	1436	10,02

Preta	272	1,89
Amarela	62	0,43
Parda	11220	78,33
Indígena	496	3,46
Ign/Branco	837	5,84
Escolaridade		
Sem escolaridade	142	0,99
Ensino fundamental incompleto	6723	46,94
Ensino fundamental completo	525	3,66
Ensino médio incompleto	1325	9,25
Ensino médio completo	507	3,53
Educação superior incompleta	152	1,06
Educação superior completa	79	0,55
Não se aplica	2632	18,37
Ign/Branco	2238	15,62
Espaço/Território de ocorrência (*14.132)		
Capital	9498	67,20
Interior	4634	32,8
Total	14.323	100,00

*Total de casos por município de ocorrência disponíveis no SINAN/DATASUS. Exportação em 02 de fevereiro de 2023.

Observam-se as características dos prováveis autores da VS no estado do Amazonas no período estabelecido. O ciclo de vida do autor foi em grande parte das notificações apresentado como ignorado ou em branco (64,79%), seguido da adulta (14,30%) e adolescente (8,17%). Verificou-se a suspeita do uso de álcool em sua maioria como negativa (49,58%), sendo importante ressaltar a porcentagem de registros com ignorado/em branco (35,87%). Quanto ao grau de parentesco com a vítima, a categoria “amigos e/ou conhecidos” apresentou maior frequência (27,24%), seguida por namorado(a) (13,55%) e padrasto (11,55%) (Tabela 2).

Tabela 2 – Caracterização dos prováveis autores da violência sexual no Amazonas entre 2012-2021. Manaus, AM, Brasil, 2023 (N= 14.323)

Variável	n	%
Ciclo de vida do autor		
Criança	285	1,98
Adolescente	1171	8,17
Jovem	787	5,49
Pessoa Adulta	2049	14,30
Pessoa Idosa	390	2,72
Ign/ Branco	9281	64,79
Suspeita de uso de álcool		
Sim	2083	14,55
Não	7102	49,58

Ign/ Branco	5138	35,87
Vínculo/Grau de parentesco do autor com a pessoa atendida (n=13564)*		
Pai	1022	7,53
Mãe	87	0,64
Padrasto	1566	11,55
Madrasta	29	0,21
Conjuge	487	3,59
Ex-conjuge	79	0,58
Namorado(a)	1811	13,55
Ex-namorado (a)	183	1,35
Filho(a)	7	0,05
Irmão (ã)	199	1,47
Amigos/conhecidos	3695	27,24
Desconhecido	2458	18,12
Cuidador(a)	59	0,43
Patrão/chefe	29	0,21
Pessoa com relação institucional	82	0,60
Policial/Agente	22	0,16
Própria pessoa	60	0,44
Outros Vínculos	1689	12,45
Total	14.323	100,00

*Número absoluto diferente do total por considerar para análise apenas as notificações com resposta "sim" para "Vínculo/Grau de parentesco do autor com a pessoa atendida". Exportação em 02 de fevereiro de 2023

Na tabela 3 é revelada a caracterização da violência sexual, sendo a residência (72,52%) o local de ocorrência mais frequente. Nessa tabela, apresentam-se os tipos de violência sexual mais registrados nas notificações, que foram o estupro (78,92%) e o assédio sexual (13,47%). Quanto aos outros tipos de violência com maior frequência, sendo estes: uso da força corporal/spancamento (39,28%) e ameaça (33,22%). A evolução do caso é outra característica que foi altamente ignorada ou deixada em branco (77,02%), mas a minoria (0,03%) dos casos evoluiu para óbito por violência ou outras causas.

Tabela 3 – Caracterização da violência interpessoal/autoprovocada no Amazonas entre 2012-2021. Manaus, AM, Brasil, 2023 (N= 14.323)

Variável	n	%
Local de ocorrência		
Residência	10388	72,52
Habitação coletiva	136	0,94
Escola	202	1,41
Local de prática esportiva	50	0,34
Bar ou Similar	74	0,51
Via pública	1031	7,19
Comércio/Serviços	191	1,33
Indústrias/Construção	44	0,30
Outros	823	5,74

Ign/Branco	1384	9,66
Evolução do caso		
Alta	2298	16,05
Evasão/Fuga	989	6,90
Óbito por violência ou outras causas	5	0,03
Ign/ Branco	11031	77,02
Tipos de violência sexual (n=15124)*		
Assédio Sexual	2037	13,47
Estupro	11936	78,92
Atentado violento ao pudor	246	1,63
Pornografia infantil	181	1,20
Exploração sexual	375	2,48
Outras violências sexuais	349	2,31
Outras Violências além da sexual(n=8399)*		
Força corporal/espancamento	3802	39,28
Enforcamento	264	2,73
Objeto contundente	112	1,16
Objeto perfuro-cortante	479	4,95
Substância/Objeto quente	48	0,50
Envenenamento	53	0,55
Arma de fogo	426	4,40
Ameaça	3215	33,22
Total	14323	100,00

*número absoluto diferente do total pela possibilidade de responder à mais de um tipo de violência sexual.
Exportação em 02 de fevereiro de 2023

4. DISCUSSÃO

Nesta análise temporal, observou-se uma variação do número de notificações de violência sexual ao longo dos anos, contudo verificou-se que, em todo o período este quantitativo apresentou-se elevado. Esta evidência, é reforçada pela estimativa de vítima de violência sexual identificada pela Pesquisa Nacional de Saúde em 2019, de cerca de 1,2 milhão de pessoas nos últimos 12 meses, e destas a maioria era mulher (72,7%), pessoas jovens e declaradas pretas (IBGE, 2021).

Tal fato se assemelha ao exposto no estudo sobre violência sexual como elemento da cultura e sociabilidades, no qual a autora afirma que as vítimas foram silenciadas de tal forma que as violências vivenciadas por elas continuam ocorrendo sem que haja nenhum constrangimento por parte dos seus autores, o que revela sua natureza social, política e histórica (MENDES, 2018).

O perfil sociodemográfico das vítimas de VS encontrado por este estudo corrobora com os achados no anuário brasileiro de segurança pública de 2022, que apontou que 85,5% das vítimas são meninas e 55,8% na faixa etária de 10 a 13 anos (Fórum Brasileiro

de Segurança Pública, 2022). Contudo, mesmo com a vulnerabilidade em todas as idades da infância, os riscos aos quais estão expostas variam com o estágio de desenvolvimento, uma vez que as mais jovens têm menos experiência, maturidade e são mais frágeis que os adultos, tornando-se alvo de pessoas em quem confiam e mantêm dependência, sendo tal condição uma barreira para a revelação dos episódios de violência (MIRANDA, 2020).

A baixa escolaridade é uma característica das vítimas, que pode estar relacionada a faixa etária, não completaram ensino fundamental, fato este que corrobora com um estudo da Universidade do Sul de Santa Catarina (RIBEIRO; SCHUELTER-TREVISOL, 2021), onde o achado foi que a escolaridade das vítimas de VS é de zero a oito anos de estudo (43,2%). E quanto ao sexo, a violência contra a mulher é um problema de saúde pública de proporções epidêmicas no Brasil, a prevenção e o enfrentamento deste impasse necessariamente depende da redução da desigualdade de gênero e requerem o engajamento de diferentes setores da sociedade, para que haja garantia que todas as mulheres e meninas tenham acesso ao direito de viver sem violência (GARCIA, 2016).

Estudo realizado por SILVA et al. (2021) no Rio Grande do Sul analisou o perfil epidemiológico das notificações de violência sexual contra crianças do sexo masculino no Brasil com base nos dados do SINAN e a raça/cor da pele negra/parda e branca concentraram a maior parte das notificações (44,2% e 40,4% respectivamente), indo ao encontro dos achados do presente estudo além de corroborar com os resultados de uma pesquisa realizada em Tocantins, outro estado da região Norte, no qual os achados também indicam que adolescentes de cor preta/parda são mais vulneráveis à violência sexual (NEVES, 2022).

Quanto ao grau de parentesco da vítima com o autor, o boletim epidemiológico da secretaria de vigilância em saúde de 2018 corrobora com os achados neste estudo, pois seus dados revelam que são amigos e conhecidos são 27,4%, familiares 21,3% e parceiros íntimos 17,1%. Sendo assim, a frequência de autores desconhecidos é reduzida (BRASIL, 2018).

Este boletim identificou a residência como local de maior ocorrência do crime, com uma frequência de 58,2% dos casos relatados (BRASIL, 2018). O predomínio da residência como o principal ambiente de ocorrência da violência, também é sinalizado no estudo nacional de Mascarenhas (2020) que analisou as notificações de violência por parceiro íntimo (VPI) contra mulheres, expondo assim que o domicílio é o local mais inseguro para as vítimas quando deveria simbolizar segurança e refúgio.

Ademais, o estupro e o assédio sexual também foram os tipos de violência mais cometidos, com porcentagem de 70,4% e 19,9%, respectivamente (BRASIL, 2018). A legislação brasileira conceitua estupro como o ato de constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso (BRASIL, 1940, artigo 213). Este achado assemelha-se com o estudo de Cerqueira, Coelho e Ferreira (2017) que aponta o estupro como a violência de natureza sexual que mais ocorre no Brasil.

O Boletim revela que 43,2% das violências não ocorreram outras vezes, porém uma significativa porcentagem (17,2%) dessa informação foi ignorada no preenchimento da ficha de notificação, ressaltando assim os resultados do estudo de incompletude das notificações de violência, que apresenta as falhas no registro das informações pertinentes nestes casos e a necessidade do treinamento dos profissionais responsáveis por esta função (SOUSA *et al.*, 2020). Evidencia-se ainda a subnotificação, por medo dos estigmas sociais e do preconceito, por conta do perfil de cada cidadão, já que cada indivíduo, vítima ou profissional, enfrenta as situações de uma forma diferente (MATOS; SALES JÚNIOR, 2021).

Apesar de a violência sexual ser o foco deste trabalho, é válido realçar as outras formas de violência encontradas na pesquisa, que também afetam a qualidade de vida das vítimas, como o uso de força corporal, enforcamento e ameaça, compreendendo-se essas como violências física e psicológica. A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2021, estimou que em todo o mundo, uma em cada três mulheres sofre violência física e sexual praticada pelo companheiro atual ou ex-companheiro. De acordo com o estudo, a vulnerabilidade feminina à violência física no período da COVID-19, contribuiu para o aumento da violência física em mulheres na quarentena da pandemia foram a cor/raça preta, baixa escolaridade, quantidade de filhos maior ou igual a três e a baixa renda mensal individual. A violência contra a mulher está diretamente ligada às condições socioeconômicas, resultado esse encontrado também no presente artigo, delineando a realidade de grande parte da população vítima das violências apresentadas (SANTANA *et al.*, 2022).

O Amazonas apresenta as crianças e os adolescentes como vítimas mais frequentes da VS. Diante disso, ressalta-se o papel do SUS, como um espaço privilegiado para a identificação, acolhimento, cuidado e proteção das crianças e adolescentes em situação de violência. Cabe, então, a equipe de saúde, destacando-se os da Estratégia de Saúde da

Família, orientar e acompanhar as ações, além de pactuar estratégias para prevenir a violência (QUEIROZ *et al.*, 2021).

As abordagens de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes passam, necessariamente, pelo amplo reconhecimento da sociedade com relação ao problema, pelo avanço da legislação e criação de estruturas de atendimento acelerados e eficazes, pelo reconhecimento de que a criança e o adolescente enquanto seres frágeis e vulneráveis necessitam de proteção e cuidados ampliados, as quais impactarão seu crescimento e desenvolvimento futuros (SANCHES *et al.*, 2019).

O Ministério da Saúde (2018) afirma que a rede de atenção integral tem como objetivo orientar, fortalecer e estimular a atuação de profissionais e gestores no planejamento de ações de promoção da saúde, prevenção de violências e proteção dos direitos dos cidadãos. Como parte dessa rede, a Atenção Primária à Saúde é como porta de entrada preferencial do SUS. A equipe de saúde atuante nesse setor, por estabelecer mais proximidade das famílias, é capaz de identificar sinais e sintomas de violências em crianças e adolescentes, realizando o acolhimento, atendimento, notificação dos casos e encaminhamento das vítimas na rede de cuidados.

O presente estudo apresenta como limitação as subnotificações dos casos, além do desconhecimento quanto às circunstâncias para o preenchimento das fichas de notificação e posterior inclusão no sistema, que podem ocasionar no não preenchimento de variáveis relevantes. Contudo, para superar esta limitação foram realizadas análises estatísticas dos dados e interpretação dos resultados, considerando tais situações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, este estudo alcançou o objetivo de analisar os aspectos epidemiológicos da violência sexual no estado do Amazonas no período de uma década, e por meio desses achados, sendo essas, em sua maioria, meninas, entre 10-14 anos, pardas e com o ensino fundamental incompleto. Além de possibilitar identificar as características dos prováveis autores da VS, que a maior parte são conhecidos da vítima e cometem o crime na residência das abusadas, expondo o contexto íntimo e vulnerável da VS.

A análise das notificações, proporcionou a percepção de uma fragilidade na notificação, pois informações relevantes foram deixadas de lado e notificadas como “ignorado ou em branco”, prejudicando assim, o acolhimento da vítima e o registro das informações.

Logo, espera-se que com o desenvolvimento de pesquisas epidemiológicas, as políticas públicas de saúde possam ser melhoradas, a fim de direcionar as estratégias eficazes para prevenir e combater a VS por todo o país, garantindo assim o direito civil desses cidadãos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. S. O cuidado de enfermagem à mulher vítima de violência doméstica. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 03, n. 2, p. 723-731, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/recom/article/view/358>>. Acesso em: 09 mar. 2024.

BRASIL. **Boletim epidemiológico Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de vigilância em Saúde, v. 49, n. 27, 2018.

BRASIL. **Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940**. Código Penal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.

CARGNIN, J. S. S. *et al.* Violência sexual em mulheres na Amazônia Ocidental. **Rev. Saúde Pública**, v. 55, n. 92, p. 1-14, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003069>>. Acesso em: 09 mar. 2024.

CERQUEIRA, D.; COELHO, D. S. C.; FERREIRA, H. Estupro no Brasil: vítimas, autores, fatores situacionais e evolução das notificações no sistema de saúde entre 2011 e 2014. **Rev. bras. segur. Pública**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 24-48, 2017. <<https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/779>>. Acesso em: 9 mar. 2024.

FACURI, C. O. *et al.* Violência sexual: estudo descritivo sobre as vítimas e o atendimento em um serviço universitário de referência no Estado de São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 5, p. 889-898. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2013000500008>>. Acesso em: 09 dez. 2023.

FARIA, E. V.; WITZEL, C. de L.; DA ROSA, V. H. J. Violência sexual contra a mulher: assistência do enfermeiro. **Observatório de la economía latinoamericana**, [s. l.], v. 21, n. 11, p. 20460–20470, 2023. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/2140>. Acesso em: 9 mar. 2024.

G1 AMAZONAS. **Casos de violência infantil aumentam 17% em Manaus**, diz Polícia Civil. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2022/05/18/casos-de-violencia-infantil-aumentam-17percent-em-manaus-diz-policia-civil.ghtml>. Acesso em: 07 fev. 2023.

GARCIA, L. P. A magnitude invisível da violência contra a mulher. **Epidemiol Serv Saude**, v.25, n.3, p. 451–4, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.5123/S1679-49742016000300001>>. Acesso em: 09 mar. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**. 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am.html>>. Acesso em: 09 mar. 2024.

IBGE. **PNS 2019**: em um ano, 29,1 milhões de pessoas de 18 anos ou mais sofreram violência psicológica, física ou sexual no Brasil. 2021.

MATOS, L. D. S.; SALES JUNIOR, C. A. F. Assistência de enfermagem ao indivíduo vítima de violência sexual. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 15, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/245965>>. Acesso em: 09 mar. 2024.

MENDES, A. C. V. A violência sexual como elemento da cultura e sociabilidades: suas manifestações históricas e atuais. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/abeps>>. Acesso em: 09 mar. 2024.

MIRANDA, M. H. H. *et al.* Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma análise da prevalência e fatores associados. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 54, p: 01-09, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1980-220x2019013303633>>. Acesso em: 09 mar. 2024.

NEVES, V. R. das. *et al.* Epidemiological characteristics of rape against women in the state of Tocantins, 2009 to 2019. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 11, n. 14, p. e127111435985, 2022. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/35985>>. Acesso em: 28 mai. 2023.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **World report on violence and health**. Geneva, 2002. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/i/item/9241545615>>. Acesso em: 09 mar. 2024.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Relatório “Global, regional and national estimates for intimate partner violence against women and global and regional estimates for non-partner sexual violence against women”**. Genebra, Suíça: OMS/OPAS; 2021.

PINTO, L.; NUNES, R. **Nos EUA, vítimas de abuso sexual chegam a pagar US\$ 3 mil por ajuda médica**. Correio Braziliense, online, 29.09.2022. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2022/09/5038966-nos-eua-vitimas-de-abuso-sexual-chegam-a-pagar-uss-3-mil-por-ajuda-medica.html>>. Acesso em: 29 fev. 2023.

QUEIROZ, S. S. *et al.* Locais de ocorrência de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil: um perfil epidemiológico. In: **Anais do II Congresso Nacional de Enfermagem Forense**. Anais. Fortaleza (CE) online, 2021. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/congressodeenfermagemforense/338657-LOCAIS-DE-OCORRENCIA-DE-VIOLENCIA-SEXUAL-CONTRA-CRIANCAS-E-ADOLESCENTES-NO-BRASIL--UM-PERFIL-EPIDEMIOLOGICO>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

RIBEIRO, M. G.; SCHUELTER-TREVISOL, F. Violência sexual e adesão ao protocolo de atendimento de um hospital do sul do Brasil. **Enferm Foco**, v. 12, n. 2, p: 312-318, 2021. Disponível em: < <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4140>>. Acesso em: 15 mai. 2023

SANCHES, L. D. C. *et al.* Violência sexual infantil no Brasil: uma questão de saúde pública. **Revista Iberoamericana de Bioética**, v. 9, p: 1–13, 2019. Disponível em: <<https://revistas.comillas.edu/index.php/bioetica-revista-iberoamericana/article/view/9654>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

SANTANA, M. de. S. *et al.* Vulnerabilidade feminina a violência física no período da pandemia de Covid-19. **Revista Enfermagem UERJ**, [S.l.], v. 30, p. e65076, out. 2022. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/65076>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

SILVA, P. A. da *et al.* Perfil da violência sexual contra meninos, SINAN, 2009-2017, Brasil. **Research, society and development**, São Paulo, v. 10, n.2, p: 1-7, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i2.12509>>. Acesso em: 09 mar. 2024.

SOUSA, C. M. S. *et al.* Incompletude do preenchimento das notificações compulsórias de violência - Brasil, 2011-2014. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 28, n. 4, p.: 477-487, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1414-462X202028040139>>. Acesso em: 15 mai. 2023.